

SEMENTEIA: ESPAÇO DE DIÁLOGO E ARTICULAÇÃO DE RESISTÊNCIAS NO CAMPO E NA CIDADE

Marcelo Vaz Pupo¹
Márcia Maria Tait Lima²
Bruno Lacerra de Souza³
Kellen Maria Junqueira⁴
Janaína Welle⁵

RESUMO

Os avanços nos conhecimentos relacionados à Agroecologia são insuficientemente comunicados para o conjunto da sociedade. Alguns fatos políticos contra-hegemônicos ligados à questão agroalimentar se efetivam a partir da produção de sentidos e interpretações gerados por circuitos alternativos de mídia. Assumindo a relação entre ética e política e a necessidade de pensar e agir na formulação de outras representações políticas no mundo contemporâneo, grupos e coletivos populares formularam a Plataforma Sementeia, buscando integrar tecnologias da informação, produção de conhecimento e resistência social. A proposta é divulgar conteúdo (principalmente audiovisual) de forma articulada e em rede, encorajando outros grupos populares a produzir seus próprios meios de comunicação e também a dispersá-los por meio da Sementeia. Pensando na autonomia produtiva destes grupos, trabalhou-se com o "processo crioulo de produção simbólica", coerente com os princípios de horizontalidade da Agroecologia e da Educação Popular na divulgação das identidades camponesas dos grupos parceiros. Compartilhou-se a prática desse processo por meio da Turma Luiz Beltrame do curso "Cinema, Juventude e Ruralidades", gerido pela parceria entre o Centro de Pesquisas e Estudos Agrários e Ambientais e o Coletivo Sementeia.

Termos para indexação: agroecologia, comunicação, educação, tecnologia da informação.

SEMENTEIA PLATFORM: A VIRTUAL NETWORK TO ARTICULATE RESISTANCE IN THE COUNTRYSIDE AND IN THE CITY

ABSTRACT

Advances in knowledge related to Agroecology are poorly communicated to society. Some counter-hegemonic political facts linked to the agrifood system take effect from the production of

¹ Licenciado em Ciências Biológicas, mestre em Divulgação Científica e Cultural, professor da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Dom Pedrito, RS. marcelopupo@unipampa.edu.br

² Graduada em Comunicação Social, doutora em Política Científica e Tecnológica, professora do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural da Universidade Estadual de Campinas (Labjor/Unicamp), Campinas, SP. marcia.tait@gmail.com

³ Graduado em Ciências Sociais, mestre em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe. bruno_lacerra@hotmail.com

⁴ Graduada em Filosofia, doutora em Multimeios, pesquisadora do Laboratório Multi-usuários de Comunicação e Pesquisas Ambientais e Agrícolas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP. kellen.junqueira@gmail.com

⁵ Graduada em Ciências Sociais, mestre em Multimeios, mestre em Antropologia Visual. wellejanaina@gmail.com

meanings and interpretations generated by alternative media circuits. Assuming the relationship between aesthetics and politics and the need to think and act in the formulation of other political representations in the contemporary world, popular groups and collectives formulated the Sementeia platform, seeking to integrate information technologies, production of knowledge and social resistance. The proposal is to disseminate (mainly audiovisual) content in an articulated and networked way, encouraging other popular groups to produce their own media and also disperse it through the platform. Considering the productive autonomy of these groups, the study worked with the "creole process of symbolic production", a process coherent with the principles of horizontality of Agroecology and Popular Education for the dissemination of peasant identities of partner groups. The study shared an example of this process reporting the experience of the project Turma Luiz Beltrame, of a course on "cinema, youth and ruralities", managed by the partnership between a research center of agrarian and environmental studies and the Sementeia collective.

Index terms: agroecology, communication, education, information technology.

INTRODUÇÃO

Na vida no campo e na Agroecologia proliferam signos, códigos e linguagens próprias que permanecem ausentes para o conjunto da sociedade. A comunicação tem o papel de principal mediadora das relações sociais e da percepção da realidade, em que novas maneiras de experimentar e de organizar o mundo são criadas. As disputas concretas e materiais (como as que se dão em torno das questões ambientais e da produção de alimentos) passam pelo campo simbólico, pela produção de cultura e pela produção e difusão de sentidos, as quais são estratégicas para a construção e fortalecimento de propostas contra-hegemônicas.

Compreender que as disputas também se dão no campo simbólico faz que haja outra postura diante do que é dito e de como algo é dito. Para pensar o estético e o político em termos contra-hegemônicos, partiu-se de algumas contribuições de sociólogos, educadores e filósofos que inspiraram as ações e projetos em torno da Plataforma Sementeia. Assumiu-se, como propõe Rancière (2009, p.33), que “a política é essencialmente estética, ou seja, está fundada sobre o mundo sensível”, pois essa compreensão permite afirmar que a participação política só é democrática se a multiplicidade de manifestações é incentivada. Paulo Freire, em *Extensão ou Comunicação*, ao estudar a semântica da palavra “extensão” e preocupado com a relação dialógica entre o agrônomo e o camponês, lembra que linguagem e política direcionam as ações pelo que chama de “força operacional dos conceitos” (Freire, 1975, p.23).

Os autores também influenciaram a forma como se deram as parcerias estabelecidas e as discussões em torno do simbólico, da comunicação e da linguagem audiovisual. Nesse percurso, as propostas teóricas de engajamento epistêmico do sociólogo Boaventura de Sousa Santos provocaram a ação diante da necessidade de “reinventar a emancipação social e as teorias críticas”, buscando uma “objetividade engajada”, que não se filia ao subjetivismo ou à falsa visão da neutralidade das teorias liberais conservadoras (Santos, 2013, p.11). Estas contribuições teóricas nem sempre vieram de maneira direta ou como “respostas”, mas muitas vezes em questionamentos, como: Ainda é pertinente a ideia de “emancipação” diante de tantas e tão distintas experiências que se opõem à regulação e organização social e às expectativas de uma vida e sociedade melhor? Como não igualar a crise das formas de representações políticas e estéticas hegemônicas com uma crise da própria ideia de emancipação e de uma sociedade melhor e mais justa?

Santos evoca um pensar crítico diante dos modos de produção de ausência ou “monoculturas” (Santos, 2002, 2013) que estruturam a racionalidade moderna e as ciências sociais. A monocultura do saber e do rigor ou monocultura do saber científico, segundo o autor, contrai o presente e as práticas sociais ao eliminar da realidade o que fica fora das concepções científicas, por exemplo, as baseadas nos conhecimentos populares, indígenas e camponeses. Essa monocultura do rigor:

Ao constituir-se como monocultura (como a soja), destrói outros conhecimentos, produz o que chamo de ‘epistemicídios’: a morte de conhecimentos alternativos. Reduz a realidade porque ‘descredibiliza’ não somente os conhecimentos alternativos, mas também os povos, os grupos sociais cujas práticas são construídas por estes conhecimentos alternativos. (Santos, 2013, p.29).

O autor, com sua proposta de reinvenção das teorias sociais críticas, contribui para pensar com base na proliferação das experiências (“emergências”) e do (auto) enfreamento necessário pelas ciências humanas, pelo pensamento crítico de sua função também como produtores de “ausências” (no sentido de invisibilidade e aniquilamento de epistemologias, saberes, sentires, identidades e formas de organização) e de “teorias de separação que confundem politizar com polarizar diferenças” (Santos, 2013, p.99). Em síntese, este pensar interessa porque busca simultaneamente ser objetivo, engajado e utópico: está em constante diálogo com as experiências concretas e atuais de emancipação e trabalha as possibilidades de traduções e de solidariedade entre elas.

Teóricos latino-americanos, durante as décadas de 1960 e 1970, dentro de vertentes da pesquisa-ação e educação popular, também contribuíram para aproximar-se desta mesma questão – emancipação/autonomia, ação social e produção simbólica – por ângulos complementares. Essas duas vertentes estiveram e continuam presentes em trabalhos de intervenção social e pesquisa na extensão rural, cultura e educação popular. Na pesquisa-ação, o conhecimento científico deve dialogar constantemente com os saberes populares e produzir novos conhecimentos capazes de transformar a realidade social de grupos marginalizados. Esses dois critérios seriam os mais relevantes para determinar a validade e legitimidade de um conhecimento. O *marco de la praxis*, como chamado pelo sociólogo colombiano Orlando Fals Borda (2009, p.288), expoente da criação da IAP (da grafia em espanhol de pesquisa ação participativa), propõe a geração de conhecimento na ação social com as bases populares, um tipo de pesquisa em que a investigação social e a ação política influem-se mutuamente.

Paulo Freire (2003, 2006), no mesmo período histórico, entre as décadas de 1960 e 1970, produzia uma teoria crítica sobre a pedagogia ao mesmo tempo em que propunha uma nova abordagem e metodologia dirigida a uma educação popular para a autonomia, ou seja, uma educação vista como processo de libertação dos próprios sujeitos de sua condição de opressor ou de oprimido. A sua proposta, portanto, também assume a marca política e ética que define o sentido do conhecimento, principalmente pela coerência entre teoria, prática e comprometimento com a mudança. Em seu trabalho com alfabetização popular, a “palavra verdadeira” é práxis, é composta por ação e reflexão entre sujeitos, por um processo constante de produção de sentido comum, de diálogo; por isso, a educação e a produção de conhecimento para esta concepção são dialógicas. Este processo não é meramente formal, uma série de etapas ou métodos a serem seguidos e que, ao final, garantem a dialogicidade; o pronunciar das palavras verdadeiras envolve criar contextos de esperança e humildade, de reconhecimento que todos são seres em transformação.

Assim, o sentido de “espaço de diálogo”, como concebido no processo de desenvolvimento da Plataforma Sementeia, sempre esteve permeado pela produção conjunta de sentidos, de teorias e de ação transformadora do mundo, sendo a comunicação entendida como elemento central na definição do como e do porquê das ações e suas consequências. Portanto, é preciso

pensar a comunicação de forma transversal, como elemento que demarca e (re)cria os espaços dialógicos e a construção de sentidos, conhecimentos e ações transformadoras. As noções de emancipação, de práxis, de potência das experiências concretas de resistência (“movimentos de resistência”) e das articulações entre coletivos (“teia”), de resistência baseada na criação de novos sentidos compartilhados (“sementes”) são elementos teóricos e simbólicos centrais para o desenho da Plataforma Sementeia e para os sentidos das ações que se desenvolveram em torno dela e que serão trazidas neste artigo.

TECENDO A TEIA – APRESENTAÇÃO DE PERCURSOS METODOLÓGICOS E DO DESENVOLVIMENTO DA PLATAFORMA

Ao ser reconhecido este papel para a comunicação no momento de conceber a Plataforma Sementeia, buscou-se uma ação social capaz de integrar tecnologias da informação, produção de conhecimento e resistência social, visando desconstruir os mecanismos de funcionamento e articulação dos discursos para a construção de outros.

Os primeiros passos para o desenvolvimento da Sementeia foram dados em meados de 2013 por meio de questionamentos que emergiram, principalmente, dos debates e reflexões ocorridos em diversos fóruns dos quais o Laboratório Terra Mãe (ligado à Universidade Estadual de Campinas – Unicamp) participa, desde os diálogos e ações que estabelece e realiza com diversos atores de comunidades de agricultores familiares rurais e tradicionais, com os pesquisadores, estudantes e profissionais envolvidos nestas ações, e ainda pelos espaços de formação que oferece, entre os quais se pode destacar o que se deu pela disciplina “Meio ambiente, questões agrárias e multimeios”, oferecida em 2014 e, a seguir, em 2015⁶.

A Plataforma Virtual Sementeia foi concebida para que expressões populares de resistência ganhem visibilidade por meio da dispersão de conteúdos – *sementes* – em rede, tais como vídeo, som, *podcasts*, imagem, texto, articulando parcerias em um território amplo. O nome da Plataforma –

⁶ Endereço eletrônico que remete à notícia sobre o curso e vídeo da exibição e debate promovido com o documentarista Silvio Tendler: <<http://sementeia.org/2015/12/curso-de-extensao-e-disciplina-ap545-meio-ambiente-questao-agraria-e-multimeios/>>.

Sementeia⁷ – remete ao desejo que as sementes, entendidas como *unidades de conteúdos* compartilhadas, possam fomentar e instigar os que tiverem contato com elas a uma conexão crítica com os temas abordados/apresentados, e ainda que o espaço, em sua trama e teia, possibilite trocas e construções coletivas. As *unidades de conteúdos* são, assim, *sementes* da luta, da resistência, que em teia possibilitam colaborações, produções colaborativas, outras configurações e, quiçá, transformações.

As *sementes* são o núcleo da Plataforma, são os espaços criados com base em cada material postado (posts), prevendo-se sempre ampliação da sua apresentação com novos conteúdos como textos, entrevistas, e outros materiais complementares que contextualizem, aprofundem e forneçam subsídios para os que desejem fazer algum tipo de uso pedagógico e/ou político desses materiais. Cada semente pode ser classificada em mais de uma categoria/tema. Entre os temas mais semeados na Plataforma, até o momento, destacam-se: Movimentos Camponeses (51%), Educação (32%), Mídia Livre (22%), Conflitos no Campo e Trabalho Rural (22%), Agroecologia e Alimentação (21%), Atuação das Mulheres (12%).

De maneira geral, os materiais audiovisuais têm sido os mais utilizados nos espaços de formação e de divulgação na Plataforma. É uma mídia que tem aderência popular, e seu histórico mostra grande versatilidade simbólica e de formatos (cinema, vídeo, jornalismo, TV), dialogando com públicos muito distintos. Sua capacidade de agregar informações diversas, como música, áudio, texto, imagem, permite a criação de narrativas complexas, ainda que seu conteúdo seja inédito para o público-alvo. Na tentativa de dialogar com um conjunto maior da sociedade, o vídeo foi a mídia eleita pelos assentados e assentadas do Assentamento Milton Santos para denunciar o despejo que ameaçava as famílias e suas conquistas durante o ano de 2012, no Município de Americana, SP.

No entanto, fotografias pessoais e “memes” (mídia que usualmente transmite sua mensagem articulando imagem e texto) utilizados em redes sociais são materiais preciosos que fazem parte do repertório pedagógico dos espaços

⁷ A Plataforma Sementeia foi premiada em 2015 pela chamada de Pontos de Mídia Livre do Ministério da Cultura dentro da categoria estadual com o projeto Multi-Mídia, Educação e Resistências em uma Plataforma Virtual. A matéria sobre a premiação está disponível no endereço eletrônico <<http://sementeia.org/2015/12/sementeia-e-premiada-pelo-ministerio-da-cultura/>>.

de formação. Muitas vezes, são objetos portadores de memória afetiva, no caso de adultos e idosos, ou são materiais que permitem compreender temporalmente determinada conjuntura política e cultural, no caso dos memes das redes sociais, e ganham aderência aos jovens usuários de celulares smartphones.

A Sementeia se propõe a desenrolar-se em uma teia formada na interação com e entre os parceiros, favorecendo que as sementes sejam disseminadas pelo mundo e possam crescer, rompendo a monocultura imposta pela cultura de massas. A Sementeia é, também, parte integrante de uma teia, formada por uma “rede de redes”, e busca aproximação com pessoas que igualmente geram novas conexões por meio de projetos e ações em temas diversos, tais como a Rede de Agroecologia da Unicamp, Coletivo Mídia Livre Vai Jão, Plataforma Taturana de Mobilização Social, entre outros.

Para isto, a colaboração, envolvimento e autonomia são pontos fundamentais. Os parceiros, *movimentos de resistência*⁸, ao se integrarem à Sementeia, recebem uma senha pela qual têm total liberdade para criarem suas sementes, sendo cada semente identificada pela autoria/parceiro responsável pela postagem. Entre os parceiros, presentes desde a concepção da Plataforma, destacam-se o Assentamento Milton Santos⁹, a Rede de Agroecologia da Unicamp e o Coletivo Saravá (dedicado a mídias e software livre). Estas parcerias formam o Coletivo Gestor, grupo que reúne representantes das parcerias interessados em assumir responsabilidades de gestão da Plataforma. A participação no Coletivo Gestor é livre, bastando, para isso, identificar-se politicamente com a proposta da Plataforma Sementeia e formalizar a parceria com a Plataforma ao integrar o *movimento de resistência*.

Diante das experiências com a construção da Plataforma e do trabalho de articulação com parceiros, percebe-se que muitos dos grupos ainda não estavam apropriados das ferramentas de tecnologia de informação e comunicação; por isso, surgiu a necessidade de fomentar a formação e reflexão em comunicação. Ações com esse objetivo foram feitas tanto para o uso da Plataforma¹⁰ quanto

⁸ A lista completa com os parceiros da Sementeia está publicada na Plataforma no endereço eletrônico <<http://sementeia.org/movimentos-de-resistencia/>>.

⁹ Luciana Henrique da Silva, assentada do Milton Santos, tem participado desde a concepção da Plataforma e deu contribuições valiosas, com base em sua experiência com comunicação por ocasião da ameaça de despejo que seu Assentamento sofreu em 2013.

¹⁰ Por meio de “tutorial” disponibilizado aos parceiros e interessados e pelo oferecimento de oficinas para uso da ferramenta Wordpress na qual foi desenvolvida a Sementeia.

para a formação em linguagem e produção audiovisual, como os cursos no âmbito da universidade (curriculares e de extensão gratuitos) e os que acontecem fora dela, como a oficina de vídeo realizada com agricultores familiares da Cooperacra e participação no projeto Cinema, Juventude e Ruralidades, que serão destacados a seguir.

PROCESSO CRIOULO DE PRODUÇÃO SIMBÓLICA

O campo de disputa simbólica envolvido no conflito *produção para o agronegócio* × *produção agroecológica* apresenta componentes importantes diretamente relacionados à mobilização das organizações. As experiências com as trajetórias das comunidades camponesas e movimentos sociais populares têm mostrado que existe uma necessidade de ampliar o diálogo com um público mais abrangente, de forma que sua luta e resistência social possam ser vistas, ouvidas, inspirando reflexões e ações. A ação social coletiva dos movimentos organizados do campo materializa um significado específico para "agricultura" e para a produção alimentar. Na Agroecologia (como movimento, campo de conhecimentos e prática da agricultura) também está presente a preocupação com a produção autóctone de sentidos, construção horizontal de conhecimentos (troca de saberes), e valorização das culturas locais e camponesas. Estes aspectos da Agroecologia estão correlacionados com a produção e difusão de mensagens e signos pelos processos de comunicação.

Assim, as ações de resistência, a afirmação das identidades pelos grupos camponeses e as propostas de “troca” e “horizontalidade” dentro da Agroecologia têm se aliado às redes sociais e às novas tecnologias da informação. Os grupos camponeses vêm compartilhando conhecimentos que mostram que há distintos modos de pensar e de viver o mundo. Contestam-se, assim, não apenas a monocultura das paisagens agrícolas; contrapontos importantes são apresentados à monocultura existencial imposta pela atual ordem ideológica. Esta contestação se dá por meio de sociabilidades que se distinguem da ordem neoliberal, notadamente porque nas sociabilidades com caráter campesino, existe uma clara relevância dos saberes populares para a geração e valorização do conhecimento sob inspiração e controle das populações locais – como é o caso das sementes crioulas (Costa Neto, 2007).

O *processo crioulo de produção simbólica* busca integrar comunicação, educação, redes sociais e tecnologias da informação para apoiar e estimular a memória cultural e as semânticas camponesas usualmente marginalizadas pelos discursos hegemônicos (Vaz Pupo, 2015). Os *meios crioulos de produção simbólica* podem ser definidos como o conjunto de ações capazes de promover a partilha dessa memória e destas semânticas. Assumindo que todo ser humano insere-se em algum *corpus* cultural, o meio crioulo representa o esforço intencional de, endogenamente, encontrar e compartilhar os significados e sentidos que todo grupo popular detém, mas que muitas vezes estão marginalizados, desmerecidos. Para que o *processo crioulo de produção simbólica* se desenvolva como tal, é fundamental que a participação coletiva seja garantida. A linguagem popular deve ganhar espaço e valor, e a história a ser narrada deve se valer e se moldar no processo de identificação dessa linguagem. Diante disso, reafirma-se que o meio crioulo, em essência, trata de um processo e não de um produto (Vaz Pupo, 2015).

Considerando os obstáculos historicamente construídos, entende-se que essa coletividade engloba parcerias que contribuem para o conhecimento e a capacidade técnica de lidar com os recursos e as tecnologias da informação e da comunicação necessários para a cadeia de produção simbólica. Quanto a isso, todo espaço pedagógico que permita a formação de camponeses(as) para que estes se apropriem dos meios de produção simbólica é estratégico para o processo crioulo, e é por isso que ações de formação constituem uma vertente fundamental da Plataforma Sementeia.

INICIATIVAS COM AUDIOVISUAL EM COMUNIDADES CAMPONESAS

As atividades formativas que organizam o *processo crioulo* têm como desafio retomar a mediação popular entre signo e significado – estimulando a memória cultural camponesa e encontrando as semânticas esquecidas e oprimidas pelo discurso dominante, ao mesmo tempo em que lidam com as diferenças de significação manifestadas pelo grupo, que são atribuídas ao mesmo símbolo. Para atender a esse desafio das atividades formativas, as metodologias participativas devem ser convocadas para providenciar que cada indivíduo manifeste a significação que oferece a um dado signo, enquanto a educação popular deve assegurar a legitimidade de cada significação perante o grupo,

reafirmando a capacidade educadora da convivência coletiva. Em geral, os participantes dos cursos são os(as) camponeses(as) e a comunidade associada (estudantes universitários, pesquisadores, lideranças comunitárias, integrantes de movimentos sociais, etc.). Propõe-se, com base nestas reflexões, fazer um paralelo entre a transição agroecológica da produção alimentar e a produção crioula de narrativas audiovisuais camponesas.

Em parceria com o Centro de Pesquisas e Estudos Agrários e Ambientais (CPEA) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, Unesp de Marília –, realizou-se o projeto Cinema, Juventude e Ruralidades¹¹, iniciado em 2015, com duração de dois anos. O projeto trabalhou na formação de jovens moradores do Assentamento Rural Reunidas, localizado no Município de Promissão, no Estado de São Paulo. Foram promovidas atividades culturais e de caráter político pedagógico, que também serviram como instrumentos de capacitação profissional para os jovens assentados. Ofereceram-se oficinas e cursos temáticos para o desenvolvimento e para produção de filmes e fotografias, resgatando, por meio das atividades – tendo como protagonistas seus próprios sujeitos –, a história e a memória do assentamento, de seus familiares e da luta pela terra. O curso também foi uma proposta mobilizadora para a reconstrução da coletividade entre estes jovens. A turma do curso escolheu identificar-se pelo nome de um poeta local, que é uma referência na luta pela terra: Luiz Beltrame¹². Na ocasião, os alunos celebraram, junto com Luiz Beltrame, uma missa em homenagem ao assentado e patrono da turma.

¹¹ O projeto Cinema, Juventude e Ruralidades foi financiado pela chamada do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) nº 19/2014 – Fortalecimento da Juventude Rural. Possuiu como financiadores o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), o extinto Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), Secretaria nacional de juventude (SNJ) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

¹² A trajetória de Seu Luiz Beltrame é o retrato da vida de grande parte da população brasileira. Nascido em 10 de outubro de 1908, o baiano de Paramirim migrou ainda jovem para São Paulo em busca de trabalho. Passou por várias regiões do estado, labutando nas lavouras de café, algodão e cana-de-açúcar. Nunca frequentou escola. Ainda adolescente decorava não só as poesias, mas as músicas que fazia para animar os bailes na roça. As letras guardadas na “caixola” só conheceram papel e caneta aos 14 anos, quando o pai o ensinou a ler e escrever. Em 1991, concretizou o sonho ao chegar ao Assentamento Reunidas, em Promissão, para viver e trabalhar com um dos filhos. Empunhou a bandeira do MST e se fez, mais que poeta sem-terra, um militante da Reforma Agrária. Símbolo da luta pela terra, seu Luiz marchou para transformar em realidade os sonhos retratados em seus poemas. Aos 88 anos, colocou os pés na estrada junto com os 1.500 sem-terra na Marcha Nacional por Terra, Emprego e Justiça. A experiência de dois meses de caminhada – entre São Paulo e Brasília – ficou registrada nos 27 versos que compõem a poesia “A marcha de 1997”.

Sementeia: um espaço de diálogo e articulação de resistências no campo e na cidade

Durante os dois anos, os estudantes desenvolveram projetos audiovisuais divididos em quatro grupos de cinco pessoas, seguindo a metodologia da pedagogia da alternância¹³, tendo cada um deles se identificado como: Filhos dos Avós; Netos da Terra; Jovens Protagonistas; e Fotógrafos da Terra, nomes dos núcleos de base de trabalho criados com base em suas identidades como jovens e assentados. A proposta da Sementeia foi a de avançar nesta trajetória em um “processo crioulo de produção simbólica” com os jovens.

Apesar de serem utilizados equipamentos que demandam o manejo da técnica, como câmeras fotográficas e filmadoras, computadores e equipamentos sonoros, o intuito da Sementeia foi avançar na contracorrente do tecnicismo e propiciar um ferramental para esses jovens por meio da linguagem audiovisual, que está para além da técnica, que é potente na correlação de forças na sociedade e que leva ao desafio do diálogo por meio dos materiais audiovisuais e das redes sociais na internet.

Em relação a isso, o desafio foi formar esses jovens para a utilização da linguagem audiovisual (fotografia e vídeo) em todo o seu processo de produção – elaboração, desenvolvimento, edição e circulação – e buscar uni-los desse conhecimento para a comunicação desses jovens e suas instituições com os mais diversos setores sociais que estão envolvidos com os assentamentos de reforma agrária, com a sociedade civil e com meios digitais. Portanto, a formação desses jovens foi pensada pelos professores e pesquisadores da Plataforma Sementeia e CPEA, como um reposicionamento social, ou seja, um ato de assumir um posicionamento na sociedade, no qual eles mesmos podem dialogar diretamente para construir politicamente ações nos assentamentos de reforma agrária, buscando uma melhoria na qualidade de vida e na estrutura desses territórios, metodologia esta desenvolvida em uma realidade social brasileira na qual os assentamentos de reforma agrária sofrem, nos dias de hoje, pressões, sanções, boicotes e preconceitos por parte de toda a sociedade.

¹³ A pedagogia de alternância intercala um período de convivência na sala de aula com outro no campo para diminuir a evasão escolar em áreas rurais. A metodologia foi criada por camponeses da França em 1935. A intenção era evitar que os filhos gastassem a maior parte do dia no caminho de ida e volta para a escola ou que tivessem de ser enviados de vez para morar em centros urbanos. No Brasil, a iniciativa chegou com uma missão jesuíta, no Espírito Santo, em 1969. Logo se espalhou por 20 estados, em áreas onde o transporte escolar é difícil e a maioria dos pais trabalha no campo. O trabalho em grupo, Núcleos de Base, também é característico dessa metodologia.

Os conteúdos temáticos foram trabalhados com base na relação dialógica entre a equipe e os jovens, de modo que dinâmicas de grupo compuseram o repertório metodológico, permitindo, ao mesmo tempo, a participação da turma e a práxis necessária à construção das *formas adequadas (crioulas) de produção audiovisual*. Nesse processo de formação, a Plataforma Sementeia¹⁴, como apresentada na Figura 1, tornou-se um elemento fundamental na proposta pedagógica da Sementeia, já que proporciona um ambiente educacional que viabiliza o acesso autônomo dos jovens para que materiais produzidos ao longo do curso sejam postados – semeados – e compartilhados via web.



Figura 1. Interface virtual da Plataforma Sementeia.

Fonte: Sementeia (2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste tempo de experiência, percebeu-se que há muito ainda a se fazer para potencializar os entendimentos e usos da comunicação, um procedimento

¹⁴ Para acompanhar as atividades produzidas pela turma Luiz Beltrame e também de outros parceiros da Plataforma Sementeia, é possível acessar os conteúdos em <<http://sementeia.org/sementeia>>.

considerado fundamental para os processos de construção das transformações sociais no sentido almejado por grupos camponeses, agroecológicos, entre outros. O campo de disputa simbólica está, muitas vezes, “oculto”, mesmo sendo um “campo minado”, repleto de tensões, preconceitos, antagonismos, que operam na construção das imagens e das interpretações das disputas pela terra e pelos modos de produzir e significar. Acredita-se que as técnicas convencionais de vídeo e televisão não devem ser apropriadas pelos sujeitos do campo, como modo de produção simbólica, sem questionamentos acerca de sua natureza sociotécnica, muitas vezes reprodutoras de relações de opressão e submissão que se busca superar.

Com essa preocupação em mente, é válido considerar a incorporação dos princípios filosóficos reunidos sob o movimento de software livre, principalmente no que diz respeito às escolhas das ferramentas de edição (pós-produção) de material audiovisual, pontos reforçados pelos parceiros do *Coletivo de Mídia Livre Vai Jão*. A Plataforma Sementeia, como parte da proposta de *produção simbólica crioula*, compreende, assim, o esforço em proliferar sentidos e simbologias, por meio da linguagem audiovisual, que retomem a mediação popular – dos jovens do campo – entre signo e significado, militando na transformação social pelo viés da cultura, disputando os sentidos partilhados na sociedade.

Os esforços são para que os movimentos sociais populares e camponeses possam criar suas próprias narrativas e que os profissionais que atuam na comunidade criem narrativas em parceria com os movimentos, atentos à linguagem e à construção de um processo dialógico, em que todos aprendam e ensinam, construindo os significados e interpretações para o mundo em uma perspectiva diversa. Finalmente, objetiva-se que encontrem na Sementeia um espaço para difusão e visibilidade de suas produções e de compartilhamento de experiências e processos.

REFERÊNCIAS

- COSTA NETO, C. As dimensões territoriais da agroecologia e do agronegócio e os alcances e limites da noção de sustentabilidade. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.2, 2007.
- FALS BORDA, O. Ciencia y práxis. In: FALS BORDA, O. **Una Sociologia sentipensante para América Latina**. Bogotá: Clacso, 2009.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 29.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 11.ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 2003.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTOS, B.S. Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v.1, p.237-280, 2002.

SANTOS, B.S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

SEMENTEIA. Disponível em: <<http://sementeia.org/sementeia>>. Acesso em: 1 maio 2017.

VAZ PUPO, M. de A. **Comunicação, educação e produção de sentidos pela linguagem audiovisual**: experiências em grupos de agricultura camponesa. 2015. 89p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Trabalho recebido em 11 de maio de 2016 e aceito em 26 de junho de 2017